

O povo é uma categoria mítica: o populismo do papa Francisco

Carlos Eduardo Sell¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v15i43.62406>

Resumo: O artigo indaga, com base no conceito de populismo de Pierre Rosanvallon e na análise conteúdo dos documentos papais, em que medida podemos encontrar elementos populistas no ensinamento teológico-político do Papa Francisco. Depois de situar sua formação político-intelectual no contexto da história político-religiosa argentina, demonstra-se que os elementos populistas do pensamento de Francisco possuem primeiramente um sentido teológico (religioso), segundo o qual o povo-fiel é o portador da verdade essencial da religião e o povo-pobre representa o núcleo religioso da cultura dos povos. No plano político-econômico, o populismo do atual papa é permeado por uma retórica anti-liberal. O liberalismo é condenado pelo seu individualismo e por submeter a política aos ditames impessoais do mercado.

Palavras-chave: Papa Francisco, Populismo, Povo, Catolicismo, Igreja Católica

The people is a mythical category: the populism of pope Francis

Abstract: The article asks, based on Pierre Rosanvallon's concept of populism and on the documentary analysis of papal writings, to what extent we can find populist elements in Pope Francis' theological-political teaching. After placing his political-intellectual formation in the context of Argentine political-religious history, it is shown that the populist elements of Francis' thought have primarily a theological (religious) sense, according to which the faithful people are the bearers of the essential truth of religion and the poor people represent the religious core of the peoples' culture. On the political-

¹ Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Filosofia, realizada na Fundação Educacional de Brusque. É Mestre e Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Tem experiência na área de Sociologia, voltando-se prioritariamente para os temas da Teoria Sociológica. Desenvolve pesquisa sobre o pensamento de Max Weber, discutindo os temas da racionalidade e do racionalismo, com ênfase em sua sociologia da religião e em sua sociologia política. E-mail: carlos.sell@ufsc.br

economic level, the populism of the current pope is permeated by anti-liberal rhetoric. Liberalism is condemned for its individualism and for submitting politics to the impersonal dictates of the market.

Keywords: Pope Francis, Populism, People, Catholicism, Catholic Church

El pueblo es una categoría mítica: el populismo del Papa Francisco

Resumen: El artículo se pregunta, a partir del concepto de populismo de Pierre Rosanvallon y del análisis de contenido de los documentos papales, en qué medida podemos encontrar elementos populistas en la enseñanza teológico-política del Papa Francisco. Luego de situar su formación político-intelectual en el contexto de la historia político-religiosa argentina, se muestra que los elementos populistas del pensamiento de Francisco tienen ante todo un significado teológico (religioso), según el cual el pueblo fiel es el portador de la verdad esencial de religión y los pobres representan el núcleo religioso de la cultura de los pueblos. En el plano político-económico, el populismo del actual Papa está impregnado de retórica antiliberal. Se condena al liberalismo por su individualismo y por someter la política a los dictados impersonales del mercado.

Palabras clave: Papa Francisco, Populismo, Pueblo, Catolicismo, Iglesia Católica

Recebido em 08/02/2022 - Aprovado em 08/04/2022

Se a história da Argentina é marcada pela experiência histórica peronista, em que medida podemos dizer que o papa oriundo do “fim do mundo²” é tributário da visão populista? E se a resposta a questão acima for positiva, como ela se reflete na sua atuação como papa, ou, em termos mais precisos, qual seria então natureza, o alcance e o perfil do populismo no ensinamento do atual líder da igreja católica?

Estas são questões vitais para entender o perfil do papado de Francisco, em particular seu ensinamento social, mas, como era de se esperar, sobre isso existem visões radicalmente opostas e uma intensa disputa semântica (MOORE, 2012). Longe de mobilizar a carga emotiva do conceito de populismo para uma valorização positiva ou negativa do pontífice de origem argentina, este trabalho parte da premissa de que, pelo menos no Brasil, este tema permanece basicamente confinado nos limites internos da teologia católica (LUCIANI, 2016) e carecemos de discussões realizadas a partir dos marcos analíticos das ciências sociais. Frente a tal lacuna, a presente investigação propõe-

² No dia de sua eleição (13 de março de 2013) como papa Francisco, em alusão a sua terra natal, Bergoglio disse na balcão da Basílica de São Pedro que “parece que seus colegas cardeais foram buscar o Papa no fim do mundo”.

se a tarefa analítica de compreender os múltiplos *sentidos* que o populismo assume no discurso do atual papa e como eles se desdobram em sua atuação discursiva enquanto dirigente da igreja católica.

Para realizar tal tarefa, há que se precaver da tentação de deduzir toda a visão e atuação de Francisco do ideário político populista, como se ele detivesse uma concepção sistematicamente articulada dessa forma de compreensão do político e como se tal categoria pudesse ser transformada em chave analítica exclusiva e totalizante a partir do qual todo o conjunto de seu papado pudesse ser explicado. Por esta razão, opta-se por falar dos *sentidos ou elementos* de populismo. Posto no plural, o termo aponta para as diferentes acepções que o populismo assume no discurso de Francisco. Trata-se, portanto, não só de indicar as raízes (história) e determinar o conteúdo específico (semântica), mas também de apontar para a forma e o peso (sintática), além da função (pragmática) das diferentes refrações discursivas do populismo na visão de mundo e na atuação do atual papa.

Postos diante de tamanhos desafios, a investigação percorre as seguintes etapas. A parte inicial contextualiza a reflexão teórica contemporânea sobre o populismo e, com base na anatomia do fenômeno realizada por Pierre Rosanvallon (2021), apresenta seus parâmetros teóricos para analisar a visão religiosa e sócio-política de Francisco. Em seguida abordam-se as raízes da visão populista do atual papa no âmbito de seu contexto histórico-biográfico e de sua formação intelectual na Argentina. Na terceira parte analisam-se, com base na análise de conteúdo, os principais documentos do papado de Francisco (fontes) a partir dos seguintes elementos: 1) visão de povo, 2) democracia, 3) representação, 4) filosofia sócio-econômica e 5) regime de afetos. Na conclusão estes múltiplos aspectos serão retomados e analisados globalmente de modo a que se possa apontar para uma caracterização geral do tipo de populismo presente no discurso do dirigente máximo da igreja católica.

1. Anatomia do populismo

Difícilmente a discussão sobre o populismo não começa com o mesmo lamento: é difícil definir teoricamente o fenômeno em função de sua extensão temporal e espacial. Diante de tal dificuldade, os estudiosos têm buscado identificar alguns elementos gerais ou mínimos que caracterizam esta realidade (URBINATI, 2019). Seguindo esta via, Gidron e Bonikowski (2013) propõem-se agrupar a literatura que trata do populismo em três vertentes: 1) como ideologia política, 2) como estilo político e, 3) como estratégia política. Nas linhas que seguem adota-se esta tríplice divisão como referência e a partir dela serão comentadas criticamente algumas das principais obras hoje existentes sobre o assunto (CASSIMIRO, 2021). Ao final justifica-se porque a obra de Pierre Rosanvallon,

posto que integra os elementos acima em uma única plataforma teórica, nos oferece uma visão mais abrangente sobre o populismo e, como tal, propicia uma grade analítica pertinente para identificar seus traços e sua natureza no pensamento do papa Francisco.

Entendido como **ideologia política**, o populismo diz respeito aos ideais sobre a natureza da política e da sociedade. Dentre os autores que se pautam por esta visão, Mudde e Kaltwasser (2017) definem o populismo a partir das noções centrais (*core concepts*) de “povo”, “elite” e “vontade geral” e o concebem como tipo de ideologia esvaziada [*thin-centered ideology*], pois seu conteúdo não é definido abstratamente, mas em função da conjuntura política. Já para Ernesto Laclau (2005), o populismo não pode ser considerado como uma ideologia que se aplica a um povo já dado concretamente, pois é a construção discursiva que constitui o povo como sujeito político. A definição de populismo como **estilo político** não é muito distinta da anterior e, segundo Gidron e Bonikowski, deve ser entendido como “uma maneira de fazer afirmações sobre política” e sua unidade de análise constituem os textos e o discurso público sobre política (KAZIN, 1995; PANIZZA, 2005; NORRIS, 2005; HAWKINS, 2010 e MOFFITT, 2013).

Se as duas noções anteriores seguem uma orientação mais idealista, a terceira vertente, por seu turno, propõe uma definição de corte estruturalista. Entendido como **estratégia política**, o populismo significa então uma forma de mobilização e organização e a unidade de análise em foco são partidos, movimentos sociais, e líderes entendidos a partir do método histórico-comparativo e de estudos de caso (ROBERTS, 2006; WAYLAND, 2001 e JANSEN 2011). Ao privilegiar o estudo do formato institucional do populismo, a análise se concentra na agenda de políticas governamentais, estruturas partidárias e nos mecanismos e formatos de mobilização.

Expandindo os horizontes institucionais desta última tendência, alguns estudiosos contemporâneos têm se preocupado também em pensar o populismo na sua relação com a democracia. Margaret Canovan (1985), por exemplo, após realizar uma morfologia do fenômeno (populismo agrário e populismo político), avança para a tese de que o populismo pode ser visto com uma “sombra da democracia”, pois ele se alimenta da contradição entre a insuficiência das democracias reais e as aspirações românticas da soberania popular (CANOVAN, 1991). Na mesma linha prossegue Nadia Urbinati (2019) que analisa o populismo no poder [populismo *in power*]. Para ela o populismo é uma forma desfigurada do governo representativo, ou seja, um governo de tipo misto composto da relação imediata entre povo e elite. É por isso que ele colide a com a forma liberal-representativa e constitucional da democracia.

A relação entre populismo e democracia também é central para Pierre Rosanvallon (2021). Ele se propõe defini-lo como uma *forma democrática* que difere da visão minimalista [liberal] ou essencialista [totalitária] da democracia porque:

O imperativo de representação é realizado com o mecanismo de identificação ao líder, com o exercício da soberania pelo recurso ao referendo, com o caráter democrático de uma instituição pela eleição de seus responsáveis, com a expressão do povo através de um face-a-face sem intermediários com os poderes. Ao mesmo tempo, a visão da sociedade é reportada a uma dicotomia elementar (ROSANVALLON, 2021, p.233).

A partir dessa base, Rosanvallon estabelece uma anatomia ideal-típica do populismo que se desdobra em cinco pontos: 1) visão de povo, 2) democracia, 3) representação, 4) filosofia econômica e 5) regime de afetos.

Na base do populismo está sempre uma noção de 1) *povo-uno*. Esta concepção nasce a partir do processo de dissociação entre o povo concebido como corpo cívico e o povo concebido como corpo social. Na medida em que a distância entre o povo concebido como unidade através da ideia de nação (corpo cívico) e o corpo social se separam, abre-se o espaço para pensar na clivagem entre um nós majoritário (99%) contraposto a uma minoria dominante (1%). Mais do que descritiva, a dicotomia povo/elite torna-se valorativa, pois enquanto um lado da distinção encarna a dominação, o seu pólo contrário encarna as virtudes. Fundado na ideia da espontaneidade popular e de bom senso das massas, o populismo carrega em si um princípio da imediatez que valoriza a 2) *democracia direta* como expressão da vontade das massas e por isso rejeita as autoridades formais e o aparato jurídico (direito). Sua única forma de 3) *representação* legítima é o povo organizado enquanto movimento (em oposição aos partidos) e o líder enquanto aquele que confere coerência e ao mesmo tempo encarna esta mensagem. O líder, enquanto homem-do povo, deve espelhar a sociedade. Ele é considerado um órgão do povo, um líder despessoalizado, um puro representante, uma figura totalmente absorvida na sua funcionalidade.

Junto a estes fatores especificamente políticos, Rosanvallon inclui também a dimensão sócio-econômica, mas com a ressalva de que o 4) nacional-protecionismo do populismo emerge como uma recusa da ordem econômica liberal não por razões técnicas (eficiência) e sim por razões de ordem política. Na visão populista a ordem de livre mercado destrói a vontade política por uma transferência do poder de governar a mecanismos anônimos, anulando a possibilidade da soberania dos povos sobre seu próprio destino. Os populismos também esposam uma visão da igualdade como proteção

de uma entidade bem constituída que deve ser mantida protegida da invasão de fatores externos (comunidade de distância). Por fim, o populismo contém ainda um 5) regime de paixões e emoções que mobiliza, em particular, o sentimento de ser abandonado ou desprezado (emoções de posição) e oferece, em contraponto, uma visão que explique sua causas (conspiração) e indica caminhos de como a ordem pode ser restaurada (emoção da ação).

Ao articular analiticamente populismo e democracia, Rosanvallon nos oferece uma anatomia do populismo que não privilegia apenas um único aspecto para definir o fenômeno, seja ele a ideologia, o estilo ou a estratégia. Sua reflexão possui o mérito de incluir as três dimensões acima em um único modelo, além de explorar os aspectos sócio-econômicos e o regime de afetos do populismo. Por se tratar de uma reflexão ideal-típica que não deve ser confundida com suas manifestações empíricas concretas (que são sempre variadas e, muitas vezes, contraditórias), tal modelo nos oferece uma excelente grade para apontar os diferentes sentidos que o populismo assume na visão e no pontificado do papa Francisco.

2. Bergoglio e o peronismo.

Seguindo as indicações metodológicas do contextualismo linguístico (SKINNER, 1991), iniciemos por entender como o populismo refrata sobre os escritos papais de Francisco a partir das mediações da formação intelectual e das redes de sociabilidade que moldaram sua cosmovisão religiosa e política no nível de seu espaço de experiência (KOSELLECK, 1999).

2.1. Raízes biográficas: Guarda de Ferro e crítica ao neoliberalismo

Embora existam elementos de semelhança e aproximação entre o peronismo e a doutrina social da Igreja (como a rejeição do liberalismo e do comunismo e a busca de uma terceira-via centrada na ideia de justiça social), do ponto de vista *institucional* as relações entre a hierarquia católica e Juan Domingues Perón sempre foram de concorrência (BOSCA, 1997 e ZANATA, 1999). Ambos podem ser visto como religiões políticas que disputavam influência nos meios operários (CAIMARI, 1994 e 2002). Esta concorrência aumentou com a promulgação da lei do divórcio, em 1955, tornando-se um conflito aberto (BIANCHI, 2001), o que nos permite concluir que a igreja católica na Argentina jamais se comportou como um suporte ideológico do regime peronista.

No entanto, no período de retorno de Perón ao poder (em 1973), a igreja católica na Argentina tinha passado por profundas transformações. Elas se devem, em primeiro lugar, àquele conjunto de mudanças impulsionadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) que conduziram a um reposicionamento e abertura do catolicismo frente à

modernidade. Na América Latina esta nova orientação do Concílio levou os bispos do continente, reunidos em Medellín, em 1968, a esboçarem as linhas mestras da opção preferencial pelos pobres, base da teologia da libertação elaborada por Gustavo Gutiérrez, em 1971. Na Argentina, especificamente, essa nova orientação será formulado no Documento de San Miguel (1969), ponto de partida de uma vertente nacional-populista da teologia da libertação.

Isso significa que, apesar da distância institucional, do ponto de vista do *simbólico*, os intelectuais da igreja católica na Argentina produziram uma síntese complexa entre o populismo entendido como cultura política e as novas orientações teológicas católicas derivados do Vaticano II, de Medellín e de São Miguel. Tal processo desembocou na construção de um “cristianismo peronista” (CAIMARI, 2002) ou “catolicismo terceiro-mundista” (TOURIS, 2012). Conseqüentemente, o populismo, em sua feição peronista, só incide sobre a visão religiosa e teológica de Bergoglio de forma indireta e *mediada*, ou seja, tal influxo precisa ser explicado, em primeiro lugar, a partir da reconversão simbólica de amplos setores da igreja católica na Argentina ao ideário populista de fundo histórico peronista.

Mas existem também mediações *diretas* e, quanto a isso, as biografias existentes (ALLEN, 2015; IVEREIGH, 2014) são relativamente unânimes em afirmar que o episódio decisivo para entender sua relação com o peronismo em um sentido mais especificamente político (e não religioso) deve ser datado de sua atuação como diretor espiritual de estudantes católicos da Universidade do Salvador (em Buenos Aires) que eram ligados à *Guarda de Ferro*, função que ele assumiu em 1971. Esta organização política, que integrava o conjunto da juventude peronista, surgiu no período de intervalo entre o primeiro e o segundo período de governo de Perón e durou até 1974, ano da morte do líder peronista (TARRUELA, 2005). Diferente dos Montoneros e da Exército Revolucionário do Povo (de raiz trotskista), que optaram pela luta armada (DONATELLO, 2010), ela visava a volta de Perón ao poder e tinha como estratégia a atuação em bairros populares, nas vilas miséria e no sindicalismo, razão pela qual sempre foi considerada da ala mais à direita do peronismo. Foi a partir desta organização que Bergoglio travou contato com alguns dos intelectuais mais importantes na formação de sua visão política.

No entanto, seria um estreitamento analítico restringir o processo de formação de Francisco apenas ao período dos anos 70. De fato, esta tem sido a tendência da maior parte da literatura especializada (IVEREIGH, 2014) e ainda existe um escasso esforço por entender a evolução posterior do pensamento de Bergoglio após seu período como provincial dos jesuítas, o que inclui sua estadia em Córdoba (1990-1992) até chegar ao seu período de bispo-auxiliar (1992-1997) e, por fim, Cardeal-Arcebispo de Buenos-Aires

(1998-2013). Embora não hajam indicações de nenhuma ruptura substancial em sua visão de mundo, a maturação do pensamento de Francisco precisa levar em consideração não apenas as mudanças políticas do peronismo nas décadas seguintes, mas também a própria evolução dos setores da igreja católica na transição para a democracia (em 1982) e o contexto das reformas pró-mercado que foram implementadas a partir dos anos 90 do século XX. Que impactos estes desdobramentos tiveram em sua percepção da realidade sócio-política?

Ainda que seja difícil abarcar este período de mais de quatro décadas, há que assinalar pelo menos a posterior divisão do Partido Justicialista em diferentes frações (Menemismo, Kirchnerismo, etc.) e, principalmente, o protagonismo da igreja católica na crítica às reformas pró-mercado que se avolumaram quando Bergoglio estava no topo da hierarquia católica argentina (DONATELLO, 2005). Data, por sinal, deste período, seu apoio ao trabalho dos padres nas paróquias de Buenos Aires e é neste período que emerge a maior parte de sua obra escrita³, além de sua aproximação intelectual com Albert Methol Ferré (que vamos analisar abaixo). Tais experiências são fundamentais para explicar a leitura crítica que Francisco faz da globalização neoliberal e de como elas conformaram sua atuação discursiva como líder máximo da Igreja Católica.

2.2. Raízes intelectuais: cultura popular e Pátria-Grande

Os elementos histórico-biográfico que levantamos acima nos levam, assim, para as mediações intelectuais (teológicas e filosóficas) pelas quais a visão que Francisco têm do papel da igreja e da política são construídas, tema que será objeto deste tópico.

a) Teologia do povo

A formação teológica de Francisco radica em uma corrente latino-americana intitulada *teologia do povo* (MANZATO, 2015; LUCIANI, 2016, ALBADO, 2018). Trata-se de uma variante da chamada teologia da libertação, tendência que se tornou hegemônica na igreja católica da América Latina a partir dos anos 70 do século XX. Esta visão teológica construiu-se na Argentina em torno da COEPAL - *Comissão Episcopal de Pastoral* -, órgão criado pelos bispos argentinos em 1966 para repensar sua atuação em função das diretrizes do Concílio Vaticano II. Além de Justino O'Farrell, seus principais articuladores foram os teólogos Luís Gera e Rafael Tello e posteriormente Orlando Yorio, Carlos

³ Dentre aqueles diretamente ligados ao tema desta artigo, cabe destacar: Diálogos entre Juan Pablo II y Fidel Castro (BERGOGLIO, 1988); Ponerse la patria al hombro: memoria y camino de esperanza (BERGOGLIO, 2004); La nación por construir: utopía, pensamiento y compromiso (BERGOGLIO, 2005); Corrupción y pecado (BERGOGLIO, 2006) e El verdadero poder es el servicio (BERGOGLIO, 2007).

Galli, Marcelo Gonzáles, Geraldo Farrell, Pablo Sudar, Fernando Boasso, entre outros (POLITI, 1992).

A vertente argentina de teologia da libertação (SCANONNE, 2019) têm na categoria *povo* seu estatuto central, mas ele não é definido a partir da ideia de território ou classe social. O elemento determinante é o aspecto *cultural*, razão pela qual povo é concebido antes como “povo-nação”. Tal forma de conceber o povo não exclui a dimensão de classe, ainda que ela seja pensada a partir do recorte das classes *populares*. Povo e classe coincidem, pois são principalmente os pobres que são considerados os portadores fundamentais da cultura. Por tais motivos, a teologia argentina confere particular relevo à religiosidade popular, concebida como aquela na qual se encontra materializada a essência da cultura latino-americana.

Apesar das suas diferenças, Valério (2012) argumenta que tanto a vertente materialista/marxista quanto a vertente culturalista/populista da teologia da libertação apelam para uma comunidade imaginada que idealiza e essencializa romanticamente a identidade católica latino-americana. Portanto, resta estabelecer com mais detalhe quais são as mediações epistemológicas que possibilitaram o trânsito entre o ideário populista de tipo peronista e o discurso teológico acadêmico, ou seja, falta apontar ainda mais especificamente quais são os instrumentos conceituais e metodológicos que tornaram a síntese entre teologia da libertação e populismo possível. Quanto a isso temos opiniões divergentes, pois enquanto Mallimaci (2013) entende que o terreno comum que possibilita esta reconversão teológica do populismo reside no seu comum anti-liberalismo, Emilce Cuda (2016) prefere apostar no fato de que o elo de ligação entre peronistas e teólogos da libertação na Argentina repousa no esforço comum em procurar um discurso crítico alternativo ao da luta de classes marxista.

b) Filosofia polar, Periferias e América Latina

Seja qual for a resposta para a indagação acima, o fato é que se quisermos acessar o núcleo especificamente político do ideário populista de Francisco precisamos ir além do aspecto teológico para alcançar também suas raízes filosófico-seculares. Aqui, diferente de Bento XVI, formado na tradição neo-platônica de Santo Agostinho, Francisco nutre-se principalmente de Tomás de Aquino. Mas não daquele tomismo escolástico do século XIX e sim de uma leitura do mesmo que buscou confrontar-se positivamente com as filosofias da contemporaneidade.

Bergoglio tomou contato com esta renovação através do padre jesuíta Miguel Angel Fiorito, um mestre da espiritualidade inaciana que o apresentou as ideias de Eric Przywara, Henri de Lubac e Gaston Fressard, jesuítas que, seguindo as longínquas pegadas de Maurício Blondel, vão procurar confrontar o pensamento de Tomás de

Aquino com Hegel (BORGHESI, 2018). Mais tarde tais ideais serão enriquecidas também pela tese de oposição de Romano Guardini⁴. É com base nestas fontes que emerge a *filosofia polar* (REGAN, 2019) que marca o pensamento de Bergoglio e que está sintetizada em quatro pilares: 1) *o tempo é superior ao espaço*, 2) *a unidade é superior ao conflito*, 3) *a realidade prevalece sobre a ideia* e 4) *o todo é maior que as partes*.

É a partir da filosofia tomista-hegeliana da polaridade que Bergoglio se aproxima daquela que pode ser considerada a primeira mentora intelectual de sua visão política: a filósofa Amelia Podetti (1928-1979), que ele conheceu no movimento da Guarda de Ferro, em 1971. Antecipando o que hoje diz a literatura pós-colonial/decolonial, Podetti criticava o falso universalismo da filosofia da história de Hegel e apresentava o pensamento católico hispânico do século XVI como a verdadeira origem de uma história universal pensada a partir da “periferia” (DENADAY, 2021), conceito que depois se tornou central para o papa Francisco (TORNIELLI, 2017).

Direção similar vai ser perseguida por Alberto Methol Ferré (1929-2009), um pensador leigo com o qual Bergoglio estreitou relações a partir de 1978. Este intelectual uruguaio retomou o projeto terceiro-mundista de Perón⁵ no contexto da formação dos blocos econômicos que emergiram com o processo de globalização econômica dos anos 90, re-pensando-o a partir de dois pilares: o religioso e o econômico-político (DIAS, 2015 e METALLI, 2015). No aspecto religioso, ele retomou as ideias do filósofo italiano Augusto del Noce e defendeu que diante do colapso do comunismo (*ateísmo messiânico*), o catolicismo latino-americano e sua religiosidade popular seriam a única força capaz de contrapor-se culturalmente ao *ateísmo libertino* e hedonista que se propagava com o advento da globalização. Já no plano sócio-econômico, por sua vez, ele postulava que a integração latino-americana (especialmente o Mercosul) poderia levar a formação de um Estado Continental-Industrial capaz de rivalizar com as potências econômicas da era da globalização. Ele tornou-se, assim, em defensor do ideal da *Pátria-Grande*.

3. Anatomia do populismo papal

Para nos aproximar empiricamente do tema do populismo em Francisco, tomamos como *fonte documental* os seus pronunciamentos durante o seu período à frente do governo da igreja católica (de 2013 até o presente). Na linguagem católica, estes pronunciamentos são chamados de “magistério” e, como a própria noção indica,

⁴ Bergoglio estudou a obra de Guardini (A lei da oposição) durante a sua estadia de três meses na Alemanha, onde estava para escrever uma tese de doutorado que, ao final, não chegou a termo.

⁵ Apesar do caráter vasto e assistemático de sua obra, Methol Ferré arranca claramente do peronismo e afirma textualmente que “Mis primeros amores fueron dos: el Dr. Luis Alberto Herrera en Uruguay y el coronel Juan Domingo Perón en la Argentina”.

referem-se ao papel do papa enquanto principal intérprete do discurso doutrinário do catolicismo. Estes pronunciamentos possuem diferentes níveis de gradação, sendo os documentos mais importantes chamados de *Encíclicas*, seguindo-se após as chamadas *Exortações Apostólicas* e, num terceiro nível, homilias e discursos pronunciados em eventos públicos. Documentos exarados pela burocracia vaticana (Cúria Romana) também são considerados expressão do ensinamento magisterial do papa.

Ao contrário de Bento XVI, cujos documentos seguiam um plano teológico alicerçado nas virtudes teológicas da Fé (*Lumen Fidei*⁶), Esperança (*Spe Salvi*) e Caridade (*Deus Caritas est* e *Caritas in Veritate*), o magistério de Francisco é fundamentalmente político-social. Sua primeira Encíclica, denominada *Laudato Si* - doravante LS - (FRANCISCO, 2015a), foi publicada em 2015 e representa um importante ponto de inflexão na doutrina social da igreja, pois trata-se do primeiro documento papal dedicado ao tema da ecologia. A mesma sensibilidade para os temas contemporâneos foi demonstrada por Francisco em 2020 quando, em reação ao cenário de crise da globalização e, principalmente, no contexto da pandemia mundial de COVID, lançou uma nova Encíclica denominada *Fratelli Tutti* - doravante FT - (FRANCISCO, 2020), dedicada à fraternidade e a amizade social. A Exortação apostólica *Evangelium Gaudii* - doravante EG -, que foi publicada em 2013, apesar de seu estatuto doutrinário interior, é uma peça chave para entender o perfil deste papado, pois delinea as linhas mestras de seu plano de governo. Por fim, tendo em vistas os temas ligados ao nosso estudo, servirmo-nos ainda de um discurso pronunciado pelo papa diante dos movimentos populares reunidos na Bolívia em 09 de Julho de 2015 (FRANCISCO, 2015b) e de dois documentos que esclarecem a visão de Francisco sobre a sinodalidade⁷.

Em termos operacionais, analisamos estas fontes com base nas cinco dimensões do populismo de Pierre Rosanvallon e inspirando-nos nas técnicas de análise de conteúdo, identificamos de modo intencional e transversal algumas passagens centrais para a elucidação da (1) Visão de povo, (2) Democracia e Representação, (3) Filosofia sócio-econômica e (4) Regime de afetos do ensinamento-político social do papa Francisco.

⁶Ainda que esta Encíclica tenha sido publicada em co-autoria com Francisco, pois Bento XVI já tinha renunciado ao papado.

⁷O primeiro documento é o Discurso proferido por Francisco (2015b) para a comemoração dos 50 anos do Sínodo dos Bispos (19/10/2015). O segundo documento, produzido pela Comissão Teológica Internacional (um órgão do Vaticano), visa detalhar as linhas mestras exaradas pelo papa em seu discurso (FRANCISCO, 2015c).

3.1. *Povo-fiel, povo-cultura e povo-pobre.*

Existem opiniões divergentes quando se trata de categorizar a concepção de povo do papa Francisco. Enquanto Rivero (2016) identifica três sentidos (povo pobre, povo-nação e povo-fiel), Cuda (2013), por seu turno, entende que se trata de uma noção dual: povo-fiel e povo pobre. Meu entendimento é que estas duas visões, com ligeiras modificações, podem ser combinadas. A noção de povo do papa Francisco possui, de fato, uma dupla dimensão: a primeira é teológica (povo-fiel) e a outra é de cunho secular/profano, mas esta última se desdobra em uma dimensão cultural (povo-cultura que, lentamente, vai assumindo o lugar da noção de povo-nação) e outra social (povo pobre).

Quanto a seu sentido religioso, a ideia de **povo fiel** já aparece em Bergoglio em Discurso que proferiu na abertura da Congregação geral dos jesuítas argentinos em 18 de fevereiro de 1974. Nessa ocasião ele dirá que o povo fiel possui a faculdade de ser “infalível *in cedendo*, ao crer” (BERGOGLIO, 2015c, p.236-237). A tese de que os fiéis são infalíveis no crer é a pedra angular do seu conceito de sinodalidade. Romantizado ao extremo com o atributo da infalibilidade (na linguagem teológica, *sensus fidei/fidelium*), esta categoria é mobilizada como instrumento para combater o monopólio do poder pelo clero (clericalismo) e alargar o espaço da participação democrática dos leigos na igreja.

Mas, quando se trata da dimensão estritamente secular-política de povo, temos que considerar e entrelaçamento entre a dimensão *social* e a *cultural*.

A segunda destas noções (cultural) tem precedência sobre a primeira (social), já que para Francisco ao mesmo tempo em que a cultura é moldada pelo povo, este só se configura a partir de um horizonte cultural. Para ele “a cultura abrange a totalidade da vida dum povo” (EG 115), da mesma forma que “cada povo, na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia” (EG 115). Em *Laudato Si* ele acrescenta que “pertencer a um povo é fazer parte de uma identidade comum” (LS 158). A simetria entre povo e cultura é pensada como um fato totalizante que supera as clivagens sociais, pois na linguagem do papa “o autor principal, o sujeito histórico deste processo, é a gente e a sua cultura, não uma classe, uma fração, um grupo, uma elite” (EG 239).

Portanto, apenas quando situamos o **povo pobre** no contexto de uma cultura determinada que vamos entender o significado social de povo. Ao falar do pobre, Francisco não prioriza a dimensão material da carência, pois para ele as camadas populares são a alma religiosa da cultura. O povo pobre de Francisco é aquele da piedade popular, pois através dela “pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura” (EG 123). A espiritualidade ou mística popular é uma verdadeira

“espiritualidade encarnada na cultura dos simples”. [EG 124] e caracteriza-se mais pelo uso da “via simbólica do que pelo uso da razão instrumental” [EG 124].

3.2. O governo do povo contra o individualismo liberal

Ao comentar a proliferação de usos do termo populismo, Francisco lamenta sua perda de valor e sua transformação em “uma das polaridades da sociedade dividida”. Ele também condena a tentativa de “classificar os indivíduos, os grupos, as sociedades e os governos a partir da divisão binária populista ou não populista” (FT 156). Para o papa “os grupos populistas deformam a palavra povo porque aquilo de que falam não é um verdadeiro povo”, e arremata: “a categoria povo é aberta” (FT 160).

Dessa concepção positiva do povo emergem, ainda, uma determinada concepção da democracia e da representação.

A visão de democracia do papa Francisco é traçada a partir da oposição entre liberalismo e democracia, mas seu fundamento último reside na oposição individual/coletivo. Na visão do atual papa, “a categoria povo, que inclui intrinsecamente uma avaliação positiva dos vínculos comunitários e culturais, habitualmente é rejeitada pelas visões liberais individualistas, que consideram a sociedade mera soma de interesse que co-existem” (FT 163). Ele chega a dizer que o liberalismo acusa como “populistas aqueles que defendem os direitos dos mais frágeis da sociedade” (FT 163).

Contra essa visão liberal-individualista, o papa propõe o resgate do vínculo entre democracia e povo:

A tentativa de fazer desaparecer da linguagem essa categoria [povo] poderia levar à eliminação da própria palavra democracia, cujo significado é precisamente governo do povo. Contudo, para afirmar que a sociedade é mais do que a soma dos indivíduos, necessita-se do termo “povo”. A verdade é que há fenômenos sociais que estruturam as maiorias, existem mega-tendências e aspirações comuns; além-disso pode-se pensar em objetivos comuns, independente das diferenças, para implementar juntos um projeto compartilhado (FT 157).

A ideia de “implementar juntos” um “projeto compartilhado” - os dois eixos da visão de democracia de Francisco - não exclui a ideia de que existem “líderes populares capazes de interpretar o sentir de um povo, sua dinâmica cultural e as grandes tendências de uma sociedade” (FT, 159). Mas ele também chama a atenção para o “risco do

populismo insano, quando se transforma na habilidade de atrair consensos, a fim de instrumentalizar politicamente a cultura do povo, sob qualquer sinal ideológico, a serviço do seu projeto pessoal e da sua permanência no poder” (FT 159).

Mas não é na ideia do “líder como homem do povo” que a concepção de Bergoglio se fundamenta, e sim na tese da democracia direta. Como já vimos antes, ele enfatiza a espontaneidade popular e o bom senso das massas (povo-fiel e *sensus-fidei*), mas este só pode manifestar-se concretamente através de mecanismos participativos, como podemos ver claramente em sua alocação sobre a sinodalidade (FRANCISCO, 2015c).

Francisco propõe uma igreja participativa e co-responsável, sublinhando a importância da consulta de todos na Igreja, incluindo-se aí “uma metodologia eficazmente participativa” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, n. 90). Para ele “é essencial a participação dos fiéis leigos”, pois eles “são a imensa maioria do povo de Deus” e “por isso é indispensável a sua consulta” (idem, n. 73). Apesar da aparente redução dos fiéis leigos à consulta, mas não à decisão, resta evidente a centralidade da ideia de participação direta e não da representação indireta/eleitoral no modo como Francisco enxerga a democracia e busca implementá-la concretamente nas estruturas políticas da igreja católica.

3.3. Os movimentos populares contra a economia que mata.

A oposição ao liberalismo também impregna fortemente a compreensão que Francisco possui do regime sócio-econômico, mas desta feita a visão liberal é reprovada não tanto pelo seu caráter individualista, mas exatamente pelo seu contrário: a impessoalidade. No documento inaugural de seu papado, Francisco já havia se expressado em termos fortes contra uma “economia que mata” [EG 53], condenação que ele repete na Encíclica *Fratelli Tutti*, na qual afirma que “o mercado, per se, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma neo-liberal” (FT 168).

No campo sócio-econômico, Francisco não estabelece uma oposição entre povo e elite e sim entre mecanismos anônimos e vontade popular. Com efeito, já na *Evangelii Gaudium* ele critica a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira” (EG 56) que ele atribui ao “fetichismo da dinheiro e a ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivamente verdadeiramente humano” (EG 55, sublinhado meu). Em *Laudato Si*, ele dirá que “o paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política” (LS 109), acrescentando que “a economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano” (LS 109). Esta mesma condenação é retomada na *Fratelli Tutti*, documento no qual podemos ler que “a política não deve

submeter-se á economia e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia” (FT 177). Portanto, a crítica de Francisco ao mercado é essencialmente política e não se assenta na tese marxista da exploração econômica (mais-valia)⁸, ainda que ele faça constantes referências ao fenômeno da exclusão e do descarte.

Para que a economia seja “integrada em um projeto político, social cultural e popular que vise o bem comum” (FT 172), Francisco propõe não apenas a retomada do papel do Estado, mas aposta principalmente nos movimentos populares. Mas estas organizações são valorizadas no contexto da disputa política pelo poder, e sim porque “criam variedades formas de economia popular e de produção comunitária” [FT 169]. Sua importância se mede pela centralidade da “questão do trabalho” e porque “a política não pode renunciar ao objetivo de conseguir que a organização de uma sociedade assegure a cada pessoa uma maneira de contribuir com as suas capacidades e o seu esforço” (FT 162). Segundo ele, seria preciso superar “uma política *para* os pobres, mas nunca *com* os pobres, nunca *dos* pobres, e muito menos inserida em um projeto que reúna todos os povos” (FT 162).

Essa defesa dos movimentos populares encontrou sua expressão maior em um discurso que Francisco pronunciou na Bolívia em 09 de Julho de 2015. Considerada uma das alocações políticas mais fortes de seu papado, Francisco propõe que “os povos e as organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva” (FRANCISCO, 2015b). Para fazer frente “a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir” (FRANCISCO, 2015b) e contra uma “economia que mata”, uma “economia que exclui” e uma “economia que destrói a Mãe Terra” (FRANCISCO, 2015b), ele esboça um programa político que, partindo dos movimentos populares, 1) coloque a economia ao serviço dos povos, 2) defende que “os governos da região juntem seus esforços para fazer respeitar a sua soberania (...) «Pátria Grande»” (FRANCISCO, 2015b) e, por fim, 3) defenda a mãe terra.

3.4. Regime de afetos: alegria, fraternidade e amizade social

Ao adentrarmos no regime de afetos (emoções de posição, inteligência e intervenção), já não estamos tratando do *conteúdo* do discurso de Francisco, mas de sua *forma*. Esse é um aspecto que tem sido pouco investigado nos discursos papais, mas é de fundamental importância, pois como constataram Toth e Demter (2019), ao analisarem a comunicação de Francisco via Twitter, o papa apela para uma comunicação direta com base na emocionalização. Por isso temos que olhar não apenas para a dimensão do conteúdo de seu pensamento, mas também para as dimensões ilocucionária e

perlocucionária (AUSTIN, 1962) de seus discursos oficiais. Mas de quais afetos estamos falando?

Para responder a esta pergunta, temos que situar o ensinamento político-social de Francisco no contexto da crise da globalização em sua versão liberal (FRAZER, 2017) que se acelera com a crise dos sub-primés de 2008 e acaba por estimular retomada de visões nacionalistas e a ascensão de movimentos populistas de direita que portam uma visão iliberal de democracia (ZAKARIA, 1997). Junto a este processo devemos considerar ainda o choque de civilizações (HUNTINGTON, 1997) representado pela guerra do Iraque a partir de 2011, o negacionismo científico associado à contestação da crise climática e ao fenômeno da hesitação vacinal, além da crise dos refugiados da Síria, sem esquecer da atual guerra da Rússia contra a Ucrânia. Diante deste cenário regressivo, o papa Francisco pode ser considerado a principal liderança do Ocidente comprometida com uma agenda global cosmopolita.

Esta postura já está bastante visível em sua encíclica inaugural *Evangelii Gaudium* (2013) que apela para a “alegria do Evangelho”. Rompendo com uma linguagem meramente condenatória e estimulando uma atitude positiva de uma “igreja em saída” (EG 24), Francisco logra contrapor-se ao ressentimento social que está na base das **emoções de posição** que alimentam os movimentos populistas da contemporaneidade. Este mesmo tom também está presente na Encíclica *Fratelli Tutti* (2020) que, reagindo a crise pandêmica de 2019-2022, retoma e desenvolve o terceiro e mais esquecido tripé dos ideais modernos - a fraternidade - “que não é resultado apenas de situações onde se respeitam as liberdades individuais, nem mesmo da prática duma certa equidade” (FT 103). Entendida como a base comum da humanidade, esta fraternidade se realiza pelo diálogo (FT 211 e 212) e é complementada ainda com o sentimento de amizade social que se traduz concretamente pela cultura do encontro (FT 216-221) e pela amabilidade para com todos (FT 224)⁹.

A terceira das Encíclicas de Francisco, dedicada à uma ecologia integral (*Laudato Si*, 2015a), nos oferece um longo capítulo introdutório que trata, entre outros assuntos, das mudanças climáticas, da água e da biodiversidade. Na mesma direção, a Encíclica *Fratelli Tutti* (2019) investiga, no seu primeiro capítulo, “sombras de um mundo fechado” (FT 09-55) que discute o fim da consciência histórica, os limites da globalização, a pandemia, os desafios colocados pelas novas formas de comunicação social e outros desafios. Ao traçar um diagnóstico realista sobre a situação atual, Francisco oferece uma

⁹ A FT também reflete o encontro do papa com o grande imã Imaam de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb realizado em Abu-Dhabi em 04 julho de 2019 e que, simbolicamente, aponta para além da lógica do conflito entre civilizações e da islamofobia oriundas do atentado às torres gêmeas (11.09.2011) e a guerra dos EUA contra o Iraque.

leitura de mundo que se contrapõe ao reducionismo das visões conspiracionistas e procura oferecer novas **emoções de inteligibilidade** capazes de traduzir a complexidade e multi-dimensionalidade de nossa crise contemporânea.

Embora esteja em clara rota de oposição às tendências populistas da atual conjuntura, isto não quer dizer que o estilo retórico de Francisco não possa ser qualificado, também ele, como populista. De fato, não está ausente de seu discurso o apelo à mobilização popular e, portanto, a promoção de **emoções de intervenção**. Mas de novo há que se reconhecer que tal apelo à ação não está permeado por uma política negativa de deslegitimação das instituições e, bem ao contrário disso, aponta para elementos de construção de uma visão da política que, indo além da mera representação eleitoral, e valorizando a participação popular, desemboca no incentivo a uma democracia interativa e de aproximação “que permite aos cidadãos exercerem mais diretamente funções democráticas que foram durante muito tempo apoderadas unicamente pelo poder parlamentar” (ROSANVALLON, 2021, p. 335).

4. Considerações Finais

Embora o ensinamento social do papa Francisco não deva ser compreendido meramente como uma continuidade linear de sua experiência histórico-política argentina, resta claro que o então padre e bispo Jorge Mario Bergoglio se forma no horizonte do catolicismo terceiro-mundista que, mesmo distante institucionalmente do movimento e do regime de Perón, re-significou simbolicamente o ideário populista. A teologia do povo e a filosofia da polaridade o aproximam de uma visão política que visa pensar o lugar da América Latina em sua condição periférica, bem como as possibilidades de integração regional do continente no contexto da globalização.

Esta herança cultural e intelectual impacta decisivamente o ensinamento oficial daquele que é hoje o papa Francisco.

O populismo de Francisco possui primeiramente um sentido teológico (religioso) que o leva a apresentar, *semanticamente*, o povo-fiel como portador da inerrância em matéria de fé (*Sensus-fidei*) e o povo-pobre como alma religiosa da cultura dos povos. No sentido político, o populismo de Francisco apresenta-se especialmente como uma *semântica* anti-liberal, pois este é condenado tanto no plano da representação política pelo seu individualismo, quanto no plano do regime sócio-econômico por submeter a política aos ditames abstratos da tecnocracia e do mercado. Emerge daí uma visão agonística que opõe, no campo religioso, o povo contra o clero, no campo político, o liberalismo contra a democracia e, no campo sócio-econômico, os movimentos populares contra o mercado.

Este ensinamento teológico-político não opera no vácuo e responde, por óbvio, no *plano pragmático*, aos objetivos políticos traçados por Francisco para seu governo à

frente da igreja. A começar pelo *campo interno* do catolicismo, no qual a remissão às virtudes do povo-fiel serve a Francisco para legitimar simbolicamente sua proposta de retomada das reformas democratizantes do Concílio Vaticano II através da implementação de processos participativos (sinodalidade). Já no *campo geo-político*, Francisco reposiciona sua visão política no contexto da ascensão de governos da direita populista-nacionalista, fator que o leva a opor-se à globalização econômico-financeira (neoliberalismo), mas sem legitimar políticas unilaterais de cunho estatal-protetionista, anti-migratórias, anti-climáticas ou mesmo anti-científicas (MCCORMICK, 2021).

O populismo elevado a programa de governo papal não é apenas uma peculiaridade argentina, pois a romantização essencialista da cultura popular, típica da teologia da libertação latino-americana, está em linha de continuidade com a visão orgânico/comunitarista da doutrina social da igreja, cujos primeiros passos foram dados por Leão XIII, em 1891. Longe de corpo estranho, ela se acomoda facilmente à equidistância (terceira-via) que a igreja católica procurou estabelecer frente ao comunismo e capitalismo e ao princípio da subsidiariedade, uma das linhas mestras do ensinamento social católico¹⁰.

Mas se o ideário populista foi integrado na doutrina social da igreja, resta assinalar, qual é, globalmente falando, o tipo de populismo esposado por Francisco. Dado seu fundo histórico-cultural peronista, não cabe dúvida quanto ao fato de que ele se situa no campo do populismo de esquerda, mas esta é uma classificação que não esgota o assunto. Ritchie (2019) sugere a expressão *populismo inclusivo*, mas tal hipótese expressa muito mais um juízo de valor, do que um sóbrio juízo explicativo. Além disso, ao invés de afirmar que Francisco “é” populista, seria mais acertado dizer que sua visão de mundo e ensinamento possuem “elementos” populistas. Ademais, dado o caráter fundamentalmente moral, mais do que político, além de seus fracos potenciais de mobilização dos afetos em vista da luta pelo poder, talvez seja o caso de compreendê-lo, indo um pouco além do conceito de Mudde e Kaltwasser (2017), como uma *forma fluida* de populismo. A expressão indica não apenas seu caráter pouco sistematizado e múltiplo, mas também lembra que ele está integrado e diluído no ensinamento social oficial da Igreja Católica.

¹⁰ O significado deste princípio, que implica na valorização da sociedade civil, é realizada nos números 185 e 186 do documento intitulado *Compendio da doutrina social da igreja*, disponível em [https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/tc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#a\)%20Significado%20e%20valor](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/tc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#a)%20Significado%20e%20valor).

Referências Bibliográficas

Fontes Bibliográficas

- ALBADO, Omar César. La Teología del Pueblo: su contexto latinoamericano y su influencia en el Papa Francisco. *Revista de Cultura Teológica*, v. 91, 2018, p. 31-57.
- ALLEN, John L. *The Francis Miracle: Inside the Transformation of the Pope and the Church*. New York: Time, 2015.
- AUSTIN, John. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard, University Press, 1962.
- BIANCHI, Susana. *Catolicismo y Peronismo*. Religión y política en la Argentina 1943-1955. Buenos Aires: Prometeo, 2001.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. Una istituzione che vive il suo carisma. *Pastorale Sociale*. Roma: Jaka Book, p, 236-237.
- BERGOGLIO, Jorge Mario (Org.). *Diálogos entre Juan Pablo II y Fidel Castro*. Buenos Aires: Ciudad Argentina, 1998.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. *Ponerse la patria al hombro: Memoria y camino de esperanza*. Buenos Aires: Claretiana, 2004.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. *La nación por construir*. utopía, pensamiento y compromiso. Buenos Aires: Claretiana, 2005.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. *Corrupción y pecado*. Buenos Aires: Claretiana, 2006.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. *El verdadero poder es el servicio*. Buenos Aires: Claretiana, 2007.
- BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: una biografai intelectual*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOSCA, Roberto. *La Iglesia Nacional Peronista*. Factor religioso y poder político. Buenos Aires: Sudamerica, 1997.
- CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. Os usos do conceito de populismo no debate contemporâneo e suas implicações sobre a interpretação da democracia. *Revista Brasileira de Ciência Política*, [online]. 2021, n. 35 [Acessado 8 Fevereiro 2022] , e242084. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.35.242084>>. Epub 28 Maio 2021. ISSN 2178-4884. <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.35.242084>.
- CANOVAN, Margaret. *Populism*. London: Junction Books, 1981.
- CANOVAN, Margareth. *The People*. Cambridge: Polity Press, 2005.
- CAIMARI, Lila. *Perón y la Iglesia católica*. Religión, Estado y sociedad en la Argentina 1943-1955, Buenos Aires: Ariel, 1994.
- CAIMARI, Lila. “El peronismo y la Iglesia católica”. Nueva Historia Argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 2002, vol. 8, pp. 443-479.
- CUDA, E. *Para leer a Francisco: Teología, Ética y Política*. Buenos Aires: Manancial, 2016.

- CUDA, Emilce. «*Teología y política en el discurso del papa Francisco: ¿Dónde está el pueblo?*», Nueva sociedad 248 (2013): 26.)
- CUCCHETTI, Humberto Horacio. *Combatientes de Perón, herederos de Cristo: peronismo, religión secular y organizaciones de cuadros*. Buenos Aires: Prometeo, 2010.
- DENADAY, Juan Pedro. «Amelia Podetti: una trayectoria olvidada de las Cátedras Nacionales». Nuevo Mundo, Mundos Nuevos. *Questions du temps présent*, 2013, consultado em 26 outubro de 2021. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/65663>.
- DÍAZ, Bárbara. Alberto Methol Ferré: una influencia fundamental en el pensamiento del papa Francisco. *Cuadernos Del Claeh*, 34(101), 2015, p. 63-85.
- DONATELLO, Luis Miguel et al. Catolicismo liberacionista y política en la Argentina: de la política insurreccional en los setenta a la resistencia al neoliberalismo en los noventa. *América Latina Hoy*, 41, 2005, p. 77-97.
- DONATELLO, Luís. *Catolicismo y Montoneros*. Religión, política y desencanto. Buenos Aires: Manantial, 2010.
- FRASER, Nancy. The end of progressive neoliberalism. *Dissent*, v. 2, n. 1, p. 2017, 2017.
- GIDRON Noam. e BONIKOWSKI Bart. *Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda*. Weatherhead Working Paper Series, n. 13-0004, 2013.
- IVEREIGH, Austen. *The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope*. New York: Henry Holt, 2014.
- HAWKINS, Kirk A. *Venezuela's Chavismo and Populism in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- JANSEN, Robert S. 'Populist Mobilization: A New Theoretical Approach to Populism'. *Sociological Theory*, 29(2), 2011, p. 75–96.
- KAZIN, Michal. *The Populist Persuasion: An American History*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 1999.
- LUCIANI, Rafael. *El Papa Francisco y la Teología del Pueblo*. Madrid: PPC Editorial, 2016.
- LUCIANI, Rafael. La opción teológico-pastoral del papa Francisco. *Perspectiva Teológica*, v. 48/1, 2016, p.81-115.
- MANZATTO, Antonio. O Papa Francisco e a teologia da libertação. *Revista de Cultura Teológica*, v. 86, 2015, p. 183-203,
- METALLI, Alver. *El Papa y El Filósofo*. Santiago: UC, 2015.
- MALLIMACI, Fortunato. Bergoglio antes de ser Francisco y el sueño del papa propio en Argentina. *Estudos de religião*, Vol. 27, Nº. 2, 2013, p.270-296,

- MALLIMACI, Fortunato e DONATELLO, Luís. El catolicismo liberacionista en Argentina: “práxis liberadora” y opción desde los pobres”. Acción e presencia en las masas. RENOLD, Juan Mauricio (Org.). *Miradas Antropológicas sobre la vida religiosa*. Buenos Aires: Ciccus, 2002, p.171-210.
- MCCORMICK, William. *The Populist Pope?: Politics, Religion, and Pope Francis*. Politics and Religion, 14(1), 2021, p. 159-181.
- MOFFITT, Benjamin and Simon Tormey. ‘Rethinking Populism: Politics, Mediatisation and Political Style’. *Political Studies*, 62 (2), 2013, p. 381 - 397.
- MOORE, Mónica Susana. La disputa discursiva populismo-antipopulismo en torno a Francisco. Una aproximación semiótica a los sentidos políticos atribuidos a su viaje a Ecuador, Bolivia y Paraguay. In: XIII Jornadas interdisciplinarias “*La razón como lenguaje y reconocimiento. Modernidad y hermenéutica: América Latina en diálogo*”, 22 Agosto 2015, Córdoba.
- MUDDE, Cas e KALTWASSER, Cristóbal Rovira (eds.). *Populism in Europe and the Americas*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- NORRIS, Pippa. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- PANIZZA, Francisco. *Populism and the Mirror of Democracy*. London: Verso, 2005 .
- POLITI, Sebastián. *Teología del pueblo*. Una propuesta argentina a la teología latinoamericana. 1967-1975. Buenos Aires: Castañeda-Guadalupe, 1992.
- REGAN Etna. The Bergoglián Principles: Pope Francis’ Dialectical Approach to Political Theology. *Religions*, 10(12), 2019, p.270-290.
- RITCHIE, Angus. *Inclusive Populism*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2019.
- ROBERTS, Kenneth. ‘Populism, Political Conflict, and Grass-Roots Organization in Latin America’. *Comparative Politics*, Vol. 38 (2), 2006, p. 127-148.
- SKINNER, Quentin. Meaning and Understanding in the History of Ideas. *Visions of Politics*. Londres: Cambridge University Press, 200. p. 57-89.
- TARRUELA, Alejandro. *Guardia de Hierro*. Buenos Aires: Sudamericana, 2005.
- TORNIELLI, Andrea. *Los viajes de Francisco*. Buenos Aires: Planeta, 2017.
- TOURIS, Claudia Fernanda. *Catolicismo y cultura política en la Argentina: La constelación tercermundista (1955-1976)*. Tese de doutorado: Universidade de Buenos Aires, 2012.
- TOTH, Tamas e DEMETER, Marton.. “None of Us Is an Island”: Toward the Conception of Positive Populism Through the Analysis of Pope Francis’s Twitter Communication. *International Journal of Communication*, 13, 2019, p. 4507–4529.
- URBINATI, Nadia. Political theory of populism. *Annual Review of Political Science*, 22, 2019, p. 111-127.

- URBINATI, Nadia. *Me The People: How Populism Transforms Democracy*. Harvard University Press, 2019.
- VALÉRIO, Mairon Escorsi. *O continente pobre e católico: o discurso da teologia da libertação e a reinvenção religiosa da América Latina (1968-1992)*. Tese de doutorado em história. Campinas, 2013.
- ZAKARIA, Fareed. "The Rise of Illiberal Democracy". *Foreign Affairs*, v.76, nº 6, nov./dez 1997.
- ZANATTA, Loris. *Perón y el mito de la nación católica: iglesia y ejército en los orígenes del peronismo (1943-1946)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.
- WEYLAND, Kurt. 'Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American Politics'. *Comparative Politics*, Vol. 34 (1), 2001, p. 1-22.

Fontes Documentais

- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da igreja. Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html.
- FRANCISCO, Papa. Discurso no II encontro mundial dos movimentos populares. Vaticano: 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso em comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos*. Vaticano, 2015c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html.
- FRANCISCO, Papa e AL-TAYYEB, Ahmad. Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum. Vaticano, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html;

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: sobre a amizade e a fraternidade social. Vaticano: 2020.
Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_encyclica-fratelli-tutti.html.